

## Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas

Maria Elisa Rodrigues Moreira (Universidade Federal do Mato Grosso  
— UFMT, Cuiabá/ MT, Brasil)

### RESUMO — Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas

— O corpo é o tema central que percorre o *Atlas do Corpo e da Imaginação*, obra lançada pelo português Gonçalo M. Tavares, em 2013. O texto, de caráter ensaístico-poético, dialoga com um conjunto de imagens produzidas pelo coletivo também português de artistas-arquitetos, “Os Espacialistas”. São algumas destas imagens que servem de mote para este artigo, no qual se apresentam algumas notas reflexivas introdutórias sobre o corpo, observando-se como imagem e texto se potencializam para a reflexão sobre esse objeto. Se o texto de Tavares aborda o corpo a partir de quatro grandes eixos (O corpo no método, O corpo no mundo, O corpo no corpo e O corpo na imaginação), as imagens do coletivo (e alguns de seus textos) desestabilizam esses eixos, cruzando-os transversalmente e provocando o leitor a pensar nas possibilidades e maneiras que os corpos têm de situar-se no mundo.

#### PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Gonçalo M. Tavares. Os Espacialistas.

### RESUMEN — Breves apuntes sobre el cuerpo: un diálogo con Gonçalo M. Tavares y Los Espacialistas

— El cuerpo es el tema central que recorre el *Atlas do Corpo e da Imaginação*, obra publicada por el portugués Gonçalo M. Tavares, en 2013. El texto, de carácter ensayístico-poético, dialoga con un conjunto de imágenes producidas por el colectivo también portugués de artistas-arquitectos Os Espacialistas. Son algunas de estas imágenes que servirán de motivo para este artículo, en el que se presentan algunas notas reflexivas introductorias sobre el cuerpo, en las que se puede observar como imagen y texto se potencian para la reflexión acerca de ese objeto. Si el texto de Tavares aborda el cuerpo a partir de cuatro grandes ejes (El cuerpo en el método, El cuerpo en el mundo, El cuerpo en el cuerpo y El cuerpo en la imaginación), las imágenes del colectivo (y algunos de sus textos) vuelven inestables esos ejes, cruzándolos transversalmente, e instan al lector a pensar en las posibilidades y maneras que los cuerpos tienen para ubicarse en el mundo.

#### PALABRAS CLAVE

Cuerpo. Gonçalo M. Tavares. Los Espacialistas.

Errar, ou seja, circular de modo hesitante, só é útil e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta.

Gonçalo M. Tavares, *Atlas do Corpo e da Imaginação*

O espaço é o corpo em movimento. O corpo é o tempo em movimento. O tempo é o espaço em movimento. Deixemos o corpo aparecer. Deixemos aparecer o Renascimento do Corpo.

Os Espacialistas, *Diário do Espacialista*

Em 2013, o escritor português Gonçalo M. Tavares lançou, pela Editorial Caminho, uma obra ambiciosa: *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Ainda não publicado em edição brasileira, esse *Atlas* consiste em um texto de caráter prioritariamente ensaístico, que usa suas próprias margens para expandir essa perspectiva por meio da interpolação de outras textualidades: uma série de aproximadamente mil imagens produzidas pelo coletivo português “Os Espacialistas”, que dialogam transversalmente com o texto ensaístico e que, por sua vez, são acompanhadas por textos narrativos breves ou longos em formato de legendas. O *Atlas* é, assim, um texto simultaneamente único e tripartido, distribuído pelas mais de 500 páginas desse livro, organizado em quatro grandes seções – O corpo no método, O corpo no mundo, O corpo no corpo e O corpo na imaginação.

O destaque para o corpo na obra de Tavares pode, talvez, ser explicado por sua formação acadêmica: licenciado em Educação Física e Desporto, e por seu mestrado e doutorado, o primeiro em Ciências da Comunicação e o segundo em Motricidade Humana giraram em torno do corpo. Da dissertação de mestrado derivou o livro *A temperatura do corpo*, publicado em 2001, e da tese de doutorado a parte ensaística que integra o *Atlas* sobre o qual aqui nos deteremos. Além disso, já em sua primeira obra poética publicada, *Livro da Dança*, também de 2001, o corpo ocupa espaço privilegiado, como se pode perceber no poema “Ainda, ainda o exemplo”:

o dedo que é só dedo nem sequer é dedo  
o corpo que é só corpo só tapa o espaço só tapa o espaço  
só tapa o espaço.  
– deixem-me ver o espaço  
ou então  
– deixem-me ver tudo.  
(para que importa exhibir o corpo se é só para exhibir o corpo? Só exhibir o corpo  
se é para exhibir o que não é corpo)  
Para que importa exhibir o corpo se é só para exhibir o corpo? (TAVARES, 2008,  
p. 67).

Para as produções d’Os Espacialistas, o corpo é também elemento fundamental. O coletivo, fundado em 2008, conforme explicita sua página no Facebook, centra “os seus projectos na compreensão das relações espaciais, na transfiguração e na metamorfose do espaço corporalmente e simbolicamente habitado”. O *Diário do Espacialista I Série AA* apresenta, em seu Capítulo 1, a

definição do que seria um “espacialista” por meio de 35 “artigos”, dos quais 15 remetem diretamente ao corpo por meio de asserções como as reproduzidas a seguir:

Art. 9º - Espacialista é aquele que sabe que só tem o próprio corpo e a situação espacial especial que só ele ainda reconhece / encontra para a fazer aparecer, transformar, virar do avesso, mesmo que temporariamente, sob a influência da sua passagem.

Art. 14º - Espacialista é aquele que caminha com o exclusivo objectivo de dar aparência a espaços que dependem do seu próprio corpo para passarem a existir.

Art. 17º - Espacialista é aquele que sabe que paralelamente à forma, à cor, à matéria, ao som, ao tempo, ao espaço e ao movimento, o corpo humano é matéria obrigatória de qualquer espaço (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 4).

É, pois, ao corpo que ocupa o mundo que o escritor e os arquitetos-artistas que compõem o coletivo parecem voltar suas intervenções criativas, mobilizando olhares e pensamentos para as formas pelas quais isso pode ocorrer.

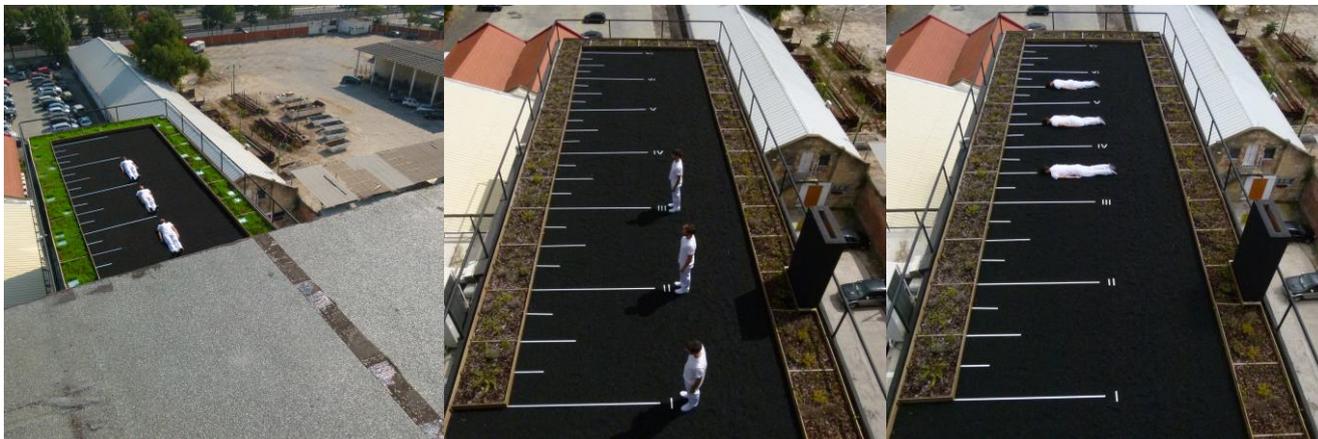
Essa breve apresentação já permite antever a potencialidade e a multiplicidade de leituras abertas pelo *Atlas do Corpo e da Imaginação*, com o qual e sobre o qual é possível que se tracem inúmeros percursos. Opto, aqui, por delinear algumas breves e incipientes notas sobre o corpo, tomando como chave provocativa um número reduzido dentre as imagens produzidas pelos Os Espacialistas<sup>1</sup>, as quais procuro articular dialogicamente com as reflexões, ensaísticas ou poéticas (ou ensaísticas-poéticas, se pensarmos que a produção do escritor português contribui para a instauração de uma ecologia de saberes que rasura as fronteiras entre gêneros criativos e reflexivos), de Gonçalo M. Tavares na mesma obra.

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer imensamente Os Espacialistas pela gentileza do envio das imagens por mim solicitadas e por autorizarem sua utilização neste artigo.

## Corpo, régua

Claro que tua medida não é dada por ti, mas pela régua. Mas foste tu que inventaste a régua.  
Gonçalo M. Tavares, *Breves notas sobre ciência*



**Os Espacialistas - Os Espacialistas e o Psicocenho 1, 2 e 3.**

“Medir o corpo humano pela cidade”, diz um fragmento do texto da legenda de Gonçalo M. Tavares para a primeira figura a compor esta imagem (TAVARES, 2013, p. 34). Talvez pudéssemos pensar na proposta inversa, medir a cidade pelo corpo humano: fazer com que o espaço da cidade tenha por referência o corpo humano, ou seja, reconhecer que qualquer espaço é obrigatoriamente habitado pelo corpo e com ele se relaciona – como, aliás, já nos indicam os artigos sobre o que é ser um espacialista, e as reflexões do coletivo: “O corpo de cada um de nós é o primeiro instrumento de medi(a)ção do corpo próprio e do outro” (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 38). Em lugar de ter “A cidade como régua, instrumento de medida” (TAVARES, 2013, p. 34), ter o corpo como essa medida. Um corpo cuja posição, ou cujo modo de ocupar o espaço, interfere diretamente nos cálculos: de pé, deitado paralela ou perpendicularmente à régua traçada, o corpo provoca diferentes resultados nessa atividade. Os três corpos não ocupam, na série de figuras que compõe esta imagem, o mesmo espaço.

Mas o que é a régua, senão um instrumento de medição, a qual, por sua vez, funciona como um padrão que permite aos seres humanos organizar o mundo ao seu redor? Tomar o corpo como régua, nessa perspectiva, nos levaria a refletir sobre a

própria aproximação entre corpo e padrão, entre corpo e organização<sup>2</sup>. Tavares aproxima-se da reflexão filosófica sobre o benefício ou o malefício dos conceitos recorrendo a Wittgenstein e à sua afirmação de que a ciência recorre “aos fenômenos que permitem uma medição exacta” (WITTGENSTEIN apud TAVARES, 2013, p. 29) como suportes para que apontem a descoberta do verdadeiro significado das coisas. No entanto, esse significado nunca deve ser tomado como final ou isolado, pois são justamente a circulação e a mobilidade que garantem o pensamento, que possibilitam que os conceitos se tornem flexíveis. (cf. TAVARES, 2013; TAVARES, 2010a; TAVARES, HISSA, 2011).

Se é o corpo o objeto a ser usado como medida, com toda a sua variedade de propriedades físicas, com todas as suas possibilidades de situar-se no espaço, é impossível chegar-se ao exato, ao padrão. O corpo que se torna régua obriga ao deslocamento do modo pelo qual organizamos nosso pensamento, pelo qual tentamos medir o mundo que nos rodeia e no qual estamos necessariamente imersos. Recorrer ao corpo faz com que “marcar uma certa linha num certo instante não permita a previsão certa do próximo passo” (TAVARES, 2013, p. 31).

Ao colocar o corpo no centro da medição, “Os Espacialistas” subvertem corpo e pensamento lógico, fazendo com que eles deslizem de seus lugares habituais. O corpo, aqui, não está apenas a “tapar o espaço”; ao contrário, o corpo, aqui, faz-se ele próprio o espaço, e assim deixa ver o espaço, deixa ver tudo<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Poderíamos pensar, aqui, que esta seria uma possível resposta a uma das perguntas feitas pelo coletivo português quando do desenvolvimento do projeto artístico Os Espacialistas no Quiosque, ocorrido na cidade de Paredes, Portugal, em 2012, que originou o *Diário do Espacialista* ao qual recorri para a escrita deste texto. A primeira das três perguntas que nortearam o projeto ao longo de sua realização teria sido “Para que serve um corpo?”. Para medir o mundo, eu responderia neste momento. As outras duas perguntas parecem pairar sobre essas breves notas que aqui apresento: “Do que é capaz o corpo (no espaço)?” e “O que é um corpo heterotópico”? (cf. OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 6).

<sup>3</sup> “Descobrimos assim o corpo do outro como lugar, evento, situação de espaço que podemos ser, essencializar e exercitar, basta para isso manifestar a nossa vontade / ação de nos aproximarmos e marcar posição” (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 24).

## Corpo, vestígio

O relevante, o presentimento: interferir nos vestígios é interferir na coisa que lhes deu origem.  
Gonçalo M. Tavares, *Breves notas sobre as ligações*



**Os Especialistas - Es-passos; Os Especialistas e o Psicocenho 4;  
Os Especialistas e uma iniciativa necessária.**

O corpo que ocupa e se faz espaço inscreve-se nesse próprio espaço irremediavelmente. Não apenas enquanto ali está, mas também nos rastros que deixa, sobre a cidade, sobre os outros corpos. Mas é possível entendermos o corpo apenas por seus vestígios? Ao projetar sua sombra sobre o mundo, o corpo permite que a ele acedamos apenas pelos contornos dessas sombras, pelos desenhos dessas pegadas?

A legenda de Gonçalo Tavares para a primeira figura desta imagem inicia assim: “Pegadas estranhas. É necessário investigar os pés desse homem” (TAVARES, 2013, p. 40). Pés e pegadas estão ligados, corpo e rastro do corpo. Mas o rastro, ao não coincidir com o objeto que lhe deu origem, rompe essa ligação. Ou melhor, age sobre ela como um terremoto, estremece-a, infla-a com curvas e rupturas que acabam com sua retidão e obviedade. As pegadas quadradas apontam para o estranho, para o que surpreende, para o que não é óbvio. Levam-nos a repensar o corpo desta personagem que é “O homem que deixa atrás de si quadrados” (TAVARES, 2013, p. 40). Não pensamos na estranheza das pegadas, mas queremos entender como essa ligação entre pés humanos e pegadas quadradas pode surgir;

queremos investigar – mas, como afirma o próprio Tavares (2010a, p. 18), “Como seria possível caminhar em direcção ao Mistério? Em direcção ao que não sei?” (mas é exatamente a isso que se chama investigação – caminhar sobre um solo movediço, de olhos vendados)<sup>4</sup>.

As pegadas quadradas levam-nos ao corpo que as teria produzido, ao corpo que não podemos entender como gera algo que fuja ao que dele se espera, ao corpo que nos surpreende, ao corpo de um espacialista, já que este “é aquele que altera conscientemente a partir do próprio corpo os espaços da vida quotidiana” (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 5). O corpo deixa sempre seus vestígios, sejam esses os excrementos e fluidos que garantem sua (nossa) sobrevivência, sejam as marcas de sua (nossa) presença no espaço. Pegadas, sombras, descobertas, pensamentos, criações, tudo são rastros dos corpos no mundo, rastros que por vezes surpreendem, rastros que nos fazem repensar aquele que os produziu. As pegadas quadradas, como o corpo-régua, remetem à necessária flexibilidade do corpo, o corpo que não apenas se exhibe mas que também é capaz de dançar, de se movimentar.

Apesar de haver a necessidade de que sejamos cientes de nossos próprios corpos, de que os reconheçamos e nos reconheçamos neles (cf. TAVARES, 2013, p. 184-187), precisamos também estar abertos às surpresas que esses corpos nos provocam, aos desejos inesperados, aos gestos impulsivos, e às divergências que podem ocorrer ao lidarmos com o que vemos e com o que sentimos com relação a esse corpo. Pois, ainda que veja um pé fisicamente semelhante aos pés dos demais seres humanos, alongado e com cinco dedos, a ligação indicial entre objeto e rastro, provocada pela fotografia, nos faz pensar que é possível que o corpo produza um rastro que não lhe equivalha identicamente. Já mudamos, assim, a partir do pensamento sobre a pegada, nossos conceitos sobre o próprio corpo.

---

<sup>4</sup> Assim Tavares argumenta em “Investigar [1]”, um dos fragmentos de *Breves notas sobre ciência*: “Como seria possível caminhar em direcção ao Mistério? Em direcção ao que não sei? / Se caminho em direcção ao Mistério é porque o Mistério já foi desvendado por mim. / Se tal se passasse no circo seria chamado de farsa. / Tu já sabes onde esconderam a jóia [foste tu que a escondeste] e agora pedes para te colocarem uma venda nos olhos. / Que estás a fazer, perguntam-te. / Investigo – respondes” (TAVARES, 2010a, p. 18). Ou, no mesmo livro, em “Investigações e desequilíbrio”: “Debruçai-vos sobre o futuro: no limite só os pés permanecem sobre o solo, a cabeça foge para a frente. / Investigar sem desequilíbrio é avançar em cima de lama: alguém se afunda” (TAVARES, 2010a, p. 36).

## Corpo, casa

De fato, não construíra aquela casa para o homem solitário que era naqueles momentos. Sejam claros, sem entrar em pormenores: Walser tinha grandes expectativas.

Gonçalo M. Tavares, *O senhor Walser*



**Os Espacialistas - O espaço dos livros; Casa arqueológica 5.**

O corpo que faz casa, esse é o título de uma das subseções do *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Dialogando com Bachelard, Gonçalo M. Tavares afirma que a casa, a partir de sua habitação, não é mais apenas uma geometria, uma construção de linhas que se cruzam e complementam: “Uma casa habitada deixa de ser um espaço para passar a ser aquilo que rodeia um corpo” (TAVARES, 2013, p. 414). Como dizem “Os Espacialistas”, “o corpo humano é o primeiro material de construção dos espaços à espera de aparecerem” (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 4).

Podemos pensar, então, que o corpo é a medida da casa, é em torno dele que ela se institui como tal, é ele que a habita. Mas dizer que o corpo habita a casa é dizer também que ela é habitada por tudo o que a ele se relaciona, seja pelas grandes expectativas do senhor Walser, seja por pegadas quadradas ou sombras não equivalentes. Afinal, “A casa habitada por cheiros e gestos torna-se um caso mais amplo, uma velha roupa que já conhece, prevê e protege os nossos movimentos” (TAVARES, 2013, p. 414).

Tavares traz também para a conversa Michelet, o qual recupera a partir de Bachelard e comenta sobre a casa construída pelo pássaro, a casa que se faz sem dedos ou mãos e que é, assim, um envoltório ao próprio corpo do pássaro, que usa

para a construção “a pressão constantemente repetida do peito”, de modo que se imprime nesta casa o sofrimento do próprio pássaro: não “há um só desses caminhos que, para afirmar e conservar a curvatura do ninho, não tenha sido milhares de vezes pressionado pelo seio, pelo coração, certamente perturbando a respiração” (MICHELET apud TAVARES, 2013, p. 415).

A casa do pássaro é, assim, vestígio de seu coração, de seu respirar, do esforço feito pelo corpo para sua construção. A casa que se conhece “de cor”, para lembrarmos Jacques Derrida.<sup>5</sup> Ela é, como a casa no pé, uma espécie de transposição do corpo, diretamente vinculada a ele, ainda que não idêntica. A casa no pé deixa o vestígio de seu exterior visível na superfície em que é impressa, mas esconde, na sola, aquilo que ficará invisível de fora, seu interior, os traços da pele, o corpo que a habita e conforma.

Mas e se o corpo desenha na parede uma casa bidimensional, uma casa que é só traço, sem espessura, sem dentro ou fora? Como esse corpo poderá vesti-la, como ela poderá rodeá-lo? A medida desse corpo certamente não é a mesma que a do corpo tridimensional. Ele será um corpo achatado, plano, sem qualquer profundidade. Uma casa feita de linhas na pedra exigiria um corpo também ele de pedra, um corpo sem expectativas, um corpo só de linhas. Sem respiração, sem coração, poderíamos pensar?

---

<sup>5</sup> Em “Che cos’è la poesia”, Jacques Derrida argumenta sobre as possíveis respostas a essa pergunta, retomando a questão tradutória. Menciona, então, o coração como uma das formas de explicar o poético: “O coração. Não o coração no meio de frases que circulam sem correr riscos pelos cruzamentos e se deixam traduzir em todas as línguas. Não o coração dos arquivos cardiográficos, simplesmente, objeto de conhecimentos ou de técnicas, de filosofias e de discursos bio-ético-jurídicos. Não o coração das Escrituras ou de Pascal, provavelmente, nem mesmo, o que é ainda menos evidente, aquele que Heidegger prefere ver em seu lugar. Não, uma história de “coração”, poeticamente envolta no idioma “aprender de cor”, este da minha língua ou de uma outra, a inglesa (to learn by heart), ou ainda de uma outra, a árabe (*hafiza a’n zahrzkalb*) – um único trajeto de múltiplas vias” (DERRIDA, 2001, p. 113). Um aprendizado que se situa antes do conhecimento, a “benção antes do saber” (DERRIDA, 2001, p. 114). A casa aprende de cor o corpo do pássaro, aprende de coração o corpo do homem.

## Corpo, palavra

A minha cabeça é o meu animal doméstico.

Fala para dentro.

Diz as mesmas palavras, mas para dentro.

Pensar é dizer as palavras para dentro.

Gonçalo M. Tavares, *O homem ou é tonto ou é mulher*



**Os Especialistas - Os Especialistas na prisão; Plantação de tesouras.**

Se o corpo faz casa, podemos pensar que ele também é capaz de fazer palavras. Bachelard, interlocutor constante de Gonçalo M. Tavares no *Atlas*, afirma que “as palavras são casas com porão e sótão” (BACHELARD apud TAVARES, 2013, p. 45). Corpo como casa, palavra como casa. Para Tavares, isso implica que as palavras também sejam pensadas espacialmente, como se pudéssemos percorrer as palavras, atravessá-las. Diz ele que não devemos “*olhar sempre da mesma maneira para as palavras*” (TAVARES, 2013, p. 46, grifos do autor). A palavra (a linguagem, poderíamos dizer) é, nessa perspectiva, um objeto a ser manipulado, algo que se pode observar e percorrer, algo no/do qual se pode entrar e sair, subir (ao sótão), descer (ao porão).

Mas poderíamos aproximar também, por essa mesma analogia, corpo e palavra? O que seria a palavra do corpo, a palavra-corpo, a palavra feita pelo corpo? Se tomarmos a boca como o órgão do corpo responsável por fazer as palavras, por dizer as palavras, pensamos a palavra como algo que vai de dentro para fora. Mas se assim fosse, ao prendermos a boca, ao colocarmos a boca atrás das grades, como na primeira figura da imagem anterior, deveríamos prender também as palavras. Uma

palavra presa é uma palavra impedida de se movimentar, palavra que estaria a ocupar o corpo sem ter dele saída. Palavra congestão.

Ou, ao contrário, pensando na segunda figura a compor a imagem anterior, podemos entender a boca como um orifício que não apenas lança algo ao exterior do corpo, mas como um órgão que é também capaz de direcionar algo para dentro do corpo. Poderíamos, assim, pensar no corpo que engole as palavras, que delas se alimenta. Como nos diz Gonçalo Tavares, “Cada palavra mexe, interfere, com o interior do organismo: modifica as sensações, muda-as de lugar como se muda um móvel. Estamos no âmbito de uma relação imediata entre palavra e corpo, palavra e sensação” (TAVARES, 2013, p. 256). O corpo, assim, engole palavras como se engolissem tesouras. Mas o que seria, para o corpo, engolir flores em lugar de tesouras?

Outro caminho parece possível. O corpo que engole as palavras pode ser tomado como o mesmo corpo que diz as palavras para dentro, ou seja, o corpo que pensa: “O corpo é o primeiro e o último grande dispositivo de pensamento humano, com a possibilidade integrada de se pensar a si próprio, antes de sair em direcção ao exterior e começar a pensar tudo o que encontra” (OS ESPACIALISTAS, 2012, p. 38). Mas esse caminho parece levar aos paradoxos, se acompanharmos Tavares em seu diálogo travado, desta vez, com Antonin Artaud, para quem a relação entre pensamento e palavra seria sempre uma relação de perda: “o pensamento perde quando se expressa em palavras” (TAVARES, 2013, p. 260). Ao pensar as palavras, haveria então uma perda, um dispêndio, ao tentar lançá-las ao exterior pela boca? O corpo absorveria parte dos pensamentos, se nutriria deles, de modo que efetuasse uma espécie de comércio com a linguagem, que fizesse restar dentro de si os vestígios do pensamento:

No entanto, apesar destas considerações, a linguagem torna-se visível, audível: os outros participam dela, recebem-na, são espectadores; enquanto o que acontece antes da formulação da palavra faz parte do mundo escondido do indivíduo, faz parte do impartilhável, do que nunca se poderá julgar (TAVARES, 2013, p. 261).

O corpo prende o pensamento no interior da casa, em seu interior. O corpo-casa é também um corpo-jaula, um corpo-palavra, um corpo-mundo.

## Referências

- DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia. Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar. *Inimigo Rumor*, São Paulo, n. 10, p. 113-116, maio 2001.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- HISSA, Cássio E. Viana (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- OS ESPACIALISTAS. *Diário do Espacialista I Série AA*. Número 2. 02 dez. 2012.
- SÁ-CHAVES, Idália. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Teoria, fragmentos e imagens de Gonçalo M. Tavares: um texto, um olhar, uma leitura. Texto de apresentação da obra pronunciado na Universidade de Aveiro, em 18 de dezembro de 2013. Disponível em: <<http://portal.doc.ua.pt/opac/pdf.final.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.
- STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Tradução de Max Altman. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- TAVARES, Gonçalo M.; HISSA, Cássio E. Viana. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. In: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 125-150.
- TAVARES, Gonçalo M. *Livro da dança*. Florianópolis: Editora da Casa, 2008.
- TAVARES, Gonçalo M. *Breves notas sobre ciência*. Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010a.
- TAVARES, Gonçalo M. *Breves notas sobre o medo*. Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010b.
- TAVARES, Gonçalo M. *Breves notas sobre as ligações* (Llansol, Molder e Zambrano). Florianópolis: Ed. UFSC/Ed. da Casa, 2010c.
- TAVARES, G. M. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide: Caminho, 2013.

### **Maria Elisa Rodrigues Moreira**

É doutora em Literatura Comparada, mestre em Teoria da Literatura e bacharel em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desenvolveu estágio pós-doutoral como pesquisadora do PNPd/CAPES, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atua como professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Mato Grosso. Suas pesquisas atuais voltam-se para as relações interartísticas e para o potencial político e epistemológico das artes.

E-mail: [elisarmoreira@gmail.com](mailto:elisarmoreira@gmail.com)

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8503000442103169>

*Recebido em 16 de janeiro de 2017  
Aceito em 22 de abril de 2017*